

METODOLOGIA E ABORDAGEM DE CAMPO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A UTILIZAÇÃO DA ETNOGRAFIA COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA A PARTIR DA CONTRIBUIÇÃO TEÓRICA DE MAINARDES E MAGNANI

SZEREMETA, Angélica¹

Resumo: O presente artigo busca apresentar os principais passos metodológicos para a utilização da etnografia como instrumento de pesquisa em estudos que necessitam de observações de campo. Para isto, objetiva-se caracterizar a etnografia enquanto metodologia a partir de Malinowski (1976) e Geertz (2008), além de contribuições de Mainardes (2009). Para embasar teoricamente este estudo, também foram utilizadas explicações baseadas na argumentação de Magnani (2009), que ilustra o uso da etnografia a partir das pesquisas realizadas pelo Núcleo de Antropologia Urbana (NAU) da USP (Universidade de São Paulo). Dessa forma, este artigo contempla, a partir de levantamentos realizados em pesquisa bibliográfica sobre a temática, os passos e escolhas metodológicas possíveis para a utilização das técnicas relacionadas à etnografia, a fim de auxiliar o (a) pesquisador (a) que opte por utilizar este instrumento metodológico.

Palavras-chave: Etnografia; Metodologia de Pesquisa; Pesquisa de Campo.

Abstract: This article aims to present the methodological steps for the use of ethnography as a research tool in studies that require field observations. For this objective we presented ethnography as a methodology from Malinowski (1976), Geertz (2008), and Mainardes contributions (2009). To support theory was also used explanations of Magnani (2009), which illustrates the use of ethnography from the research conducted by the Urban Anthropology Nucleus (NAU), USP (Universidade de São Paulo). This article includes, from surveys conducted in literature on the subject, the possible methodological choices for the use of techniques related to ethnography in order to assist the researcher to use this methodological tool.

Keywords: Ethnography; Research Methodology; Field Research.

¹Jornalista graduada pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e mestre em Ciências Sociais Aplicadas (UEPG). angelicaszeremeta@gmail.com.

<https://doi.org/10.36311/1983-2192.2018.v19n19.09.p160>

Introdução

Para compreender a etnografia como metodologia de pesquisa, primeiramente, deve-se conhecer seu papel como ferramenta de estudo. E, para isso, é necessário perpassar a origem do conceito a partir da Antropologia. Entende-se que a Antropologia, segundo Titiev(1969), é a ciência do homem, que abrange subdisciplinas individualizadas.

De acordo com Lidório(2009, p.9), “esta ciência foi formada a partir de diversas origens, estudos e fundamentos, documentados numa história de evoluções de idéias que levaram aos aspectos conclusivos de hoje”. De acordo com o autor citado anteriormente, a Antropologia foi uma área de estudo localizada, exclusivamente, nos campos da História e da Filosofia.

Entretanto, devido as complexidades culturais que permeiam as práticas humanas, este conceito se tornou um campo específico, subdividido em áreas específicas, como a Antropologia Aplicada, Antropologia Cultural, a Etnologia e a Fenomenologia, por exemplo. A Antropologia, na contemporaneidade é vista, portanto, como “[...] uma área específica para o estudo do homem, suas interações sociais, herança história e identidade comunitária” (LIDÓRIO, 2009, p.11).

Os investigadores da Antropologia, chamados de antropólogos, realizam suas atividades de pesquisa ‘no campo’. Estes sujeitos desenvolvem suas observações inseridos nas sociedades e comunidades que são tema/foco de estudo. Para isso, implicou-se no desenvolvimento de técnicas que possuam precisão (como a objetividade e o controle) para desenvolver este tipo de pesquisa social.

Para Titiev (1969), não há apenas um ‘tipo’ de antropólogo, mas ‘tipos’, no plural. Os antropólogos, de acordo com o autor citado anteriormente, se caracterizam a partir do propósito de estudo que norteia cada um destes profissionais-pesquisadores. Exemplificando este pensamento, temos como base em Titiev (1969) o seguinte esquema:

QUADRO 1–Subdivisões da Antropologia proposta por Titiev (1969).

Caracterização do antropólogo	Área de Estudo
Antropólogos físicos	Questões referentes à evolução, estrutura, aparência, forma, funcionamento e variação do corpo

	humano e de suas partes.
Arqueólogos	Vestígios do trabalho humano; busca por artefatos que remontam determinado tempo passado.
Antropólogos sociais ou antropólogos culturais	Comportamento de grupos; estudos humanos sociais; estudos de gênero.

Fonte: TITIEV, M. O Homem: um animal com cultura. Em: Introdução a antropologia cultural. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1969.p.5-23

Percebe-se, tendo como base as informações apresentadas até aqui, que a Antropologia Social é uma ciência que procura estudar o homem, em seu sentido social e não apenas biológico. Por isso, encontra-se uma necessidade de se fazer ciência em campo: para compreender as relações culturais, as manifestações sociais e demais atividades desenvolvidas por grupos ou sociedades.

Estamos falando de estudar o ser humano no sentido qualitativo de pesquisa, levando em conta o aspecto cultural e simbólico. Pensando nesse sentido, o (a) pesquisador (a) inexperiente pode se perguntar: qual método seria este que proporcionaria um entendimento do campo, visando este ‘olhar antropológico’? Apontamos neste artigo, como instrumento de pesquisa, a etnografia, que tem como objetivo auxiliar o (a) pesquisador (a) na construção deste conhecimento antropológico de campo.

Vejamos, adiante, os detalhes e recursos que esta estratégia metodológica proporciona ao pesquisador (a), seja ele (a) iniciante, ou, alguém que se encontra em um nível mais avançado.

Bases históricas da etnografia como instrumento de pesquisa a partir de Malinowski e Geertz

Exemplificando a etnografia como ferramenta de pesquisa, Malinowski (1976) *apud* Lage (2009), tem como referência sua pesquisa antropológica denominada ‘Os Argonautas do Pacífico Oriental’, como marco da moderna etnografia. Esta pesquisa foi desenvolvida nas Ilhas *Trobriand*, no século XX, e objetivou compreender as manifestações, comportamentos e costumes habituais do povo que ali habitava, a partir de princípios etnográficos.

De acordo com Lage (2009), Malinowski dividiu seu trabalho de campo em três passos: No primeiro anotou grande quantidade de detalhes, e numa forma gera as primeiras impressões de campo. O segundo momento desdobrou-se em observações detalhadas do cotidiano, feitas repetidamente devido sua inserção na determinada comunidade estudada. O terceiro e último passo foram as coletas de narrativas, expressões características, contribuições de visão de mundo.

Para compreender a cultura, a partir do universo social (contexto) em qual o indivíduo e comunidades estão inseridas, Clifford Geertz (2008) utilizou-se da etnografia para construir conhecimento na Antropologia social. Nesse sentido, Geertz (2008) abordou no estudo de campo formulações que lhe pudessem conferir subsídios para entender a definição de cultura.

Baseado na perspectiva weberiana, onde o ser humano é perpassado por significações (teias de significado) tecidas por ele próprio, Geertz (2008) tem como princípio norteador que a cultura é o conjunto de teias e as análises destas próprias, “portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas com uma ciência interpretativa, à procura do significado” (GEERTZ, 2008, p.4).

A partir disso, podemos entender que a etnografia é uma prática, e a partir dela podemos “entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento” (GEERTZ, 2008, p.5). Para Geertz (2008) a etnografia não é, apenas, uma questão de método, mas sim um esforço intelectual do pesquisador. “Praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante” (GEERTZ, 2008, p.4).

Podemos pensar a etnografia como etapas de mapeamento, ou etapas de descrições. Estas fases, de acordo com Geertz (2008), são descrições densas e geradoras de dados que devem ser analisadas pelo pesquisador. Consequentemente, os dados gerados são o que o pesquisador abstrai da construção de outras pessoas.

Dessa forma, o etnógrafo anota, registra, cataloga o acontecimento presente, que existe naquele momento de pesquisa de campo, e que poderá ser consultado novamente a partir de sua organização de pesquisa: diários, cadernetas, etc. (GEERTZ, 2008). Detalhando a etnografia, Geertz (2008) utiliza-se dos pensamentos de Lévi-Strauss (1975), para explicar a observação etnográfica, que

corresponde a atividades de campo, tais como descrever e analisar situações (fenômenos) particulares culturais:

Lévi-Strauss (1975), numa tentativa semelhante à de Mauss de travar um debate sobre o método de observação e investigação antropológica, destaca que a etnografia consiste na observação e na análise dos grupos humanos em suas particularidades a fim de reconstituir fielmente a vida de cada um deles. O conhecimento dos fatos sociais só é possível a partir de uma investigação concreta e minuciosa dos grupos sociais, contextualizados em seu tempo e espaço, a fim de se alcançar as estruturas mais inconscientes do pensamento humano. Segundo Lévi-Strauss (1975), o inconsciente possui função simbólica, por estar sujeito às leis que estruturam a sociedade e por produzir símbolos que são eficazes por ordenarem a estrutura do pensamento simbólico (GEERTZ, 2008, p.5).

Compreendido até aqui os princípios epistemológicos e teóricos que baseiam este artigo, seguimos adiante com as demais considerações metodológicas relacionadas ao aspecto prático. Perpassaremos as estratégias fundamentais para definir o objeto empírico, assim como a coleta da amostragem, o campo de estudo, os sujeitos de pesquisa, organização e coleta de dados.

Estágios da pesquisa etnográfica

Alguns elementos essenciais na pesquisa etnográfica são destacados por Mainardes (2009). Para o respectivo autor, depois de definir o objeto (etapa inicial do processo), é preciso elaborar as questões de pesquisa, definir o campo, a amostra e o tempo de pesquisa de campo. Depois de decididas estas questões, a próxima etapa se refere a decidir o número, a frequência e a duração das sessões de observação.

Vale dizer que a pesquisa etnográfica não se constitui uma pesquisa de campo, exclusivamente. Para a realização da mesma é preciso uma base teórica, uma experiência empírica e bibliográfica acerca do tema investigado (MAINARDES, 2009). É preciso, também, possuir hipóteses como pontos de partida necessários para o desenvolvimento da pesquisa.

Em relação à amostragem, Mainardes (2009) apresenta alguns tipos de amostras que podemos classificar da seguinte maneira: a) amostra por conveniência,

onde a coleta das informações é feita pela disposição em que se encontram em relação ao pesquisador; b) amostra de casos críticos, onde são selecionadas características consideradas extremas em um determinado grupo; c) amostra de casos típicos, onde são selecionadas características recorrentes em determinado grupo; d) amostra bola de neve, onde são coletadas informações a partir de um entrevistado para sugerir ou recomendar outros sujeitos para continuar a entrevista e coletar as demais informações.

O estágio seguinte da pesquisa etnográfica é referente à decida de campo, envolvendo cuidados por parte do (a) pesquisador (a) em relação aos sujeitos pesquisados durante o processo de investigação (MAINARDES, 2009). Como aponta o autor citado anteriormente, é preciso obter um certo grau de confiança entre o (a) investigador (a) e os (as) pesquisados (as).

Há indicações para se manter na posição de pesquisador (a), não se aproximar demais dos sujeitos ou se manter muito distante. Todas estas maneiras, levadas ao extremo, podem prejudicar o andamento da pesquisa, ou comprometê-la por completo. Estas relações de confiança demoram tempo para ser construídas (MAINARDES, 2009). Por isso, a preocupação com o tempo de execução do estudo é fundamental para planejar a aproximação com os sujeitos.

Ao realizar a observação, o (a) pesquisador (a) assume o papel de observador (a) daquela realidade (MAINARDES, 2009). A partir de Mainardes (2009), podemos citar dois tipos de observador (a): a) participante completo, que são pesquisadores (as) que fazem parte do grupo pesquisado; b) participante observador (a), quando o (a) pesquisador (a) observa mas não participa das atividades do grupo.

Feito o processo de observação, o próximo passo é sistematizar os dados de pesquisa. Além dos dados apurados a partir da observação, Mainardes (2009) destaca que outras informações que complementam a pesquisa podem ser extraídas de outras fontes, como documentos, artefatos, fotografias, vídeos e áudios. O autor enfatiza, também, que a análise desses outros documentos deve ser feita, preferencialmente, de forma paralela com o trabalho de campo.

Identifica-se, nesse processo, regularidades, inconsistências, questões que ficaram obscuras, etc. A partir disso, o (a) pesquisadora (a) pode identificar as categorias preliminares e os conceitos que podem ser desenvolvidos. Tanto nas

categorias quanto os conceitos precisam ser organizados em textos preliminares, junto com as evidências de pesquisa.

Para a definição de conceitos e categorias de pesquisa é necessário que o autor retorne ao referencial teórico de pesquisa. Preferencialmente, esboçado antes da descida ao campo, para que auxilie na direção do estudo (MAINARDES, 2009). É preciso não só refletir a teoria, mas confrontá-la com a prática de campo, com outras pesquisas semelhantes, com outras literaturas, e assim por diante.

O que também pode auxiliar o (a) pesquisador (a), tanto na logística de campo quanto na organização de material coletado é a elaboração de relatórios de pesquisa (MAINARDES, 2009). Nestes documentos estarão presentes os dados coletados, apresentados de forma narrativa e descritiva, informações quantitativas e qualitativas, relatos de histórias ocorridas durante a pesquisa, fotografias feitas durante a ida de campo e demais documentos (MAINARDES, 2009).

Manifestações contemporâneas da pesquisa etnográfica

Para conhecermos melhor as temáticas dos estudos etnográficos, de forma contemporânea, tomamos como exemplo as pesquisas realizadas no Núcleo de Antropologia Urbana (NAU) da Universidade De São Paulo (USP). De acordo com Magnani (2009), este grupo tem como campo de estudo etnográfico as regiões urbanas, com a finalidade de compreender as práticas sociais, intervenções e modificações geradas por diferentes atores sociais, sejam estes privados, políticos, públicos, individuais ou grupos.

A NAU leva em consideração que estes grupos sociais são formados por redes de interações complexas, conflituosas e campos de disputas dentro das comunidades que formam a região urbana, em sua totalidade.

Como visto, cada situação empírica encontrada pelo pesquisador que desenvolve a etnografia como metodologia é singular, em sua particularidade. “O ponto de partida é que não se pode separar etnografia nem das escolhas teóricas no interior da disciplina, nem da particularidade dos objetos de estudos que impõem estratégias de aproximação com a população estudada e no trato com os interlocutores” (MAGNANI, 2009, p.133).

Argumenta Magnani (2009), a partir dos apontamentos teóricos de Mariza Peirano (1995), Márcio Goldman (2003), Roberto Da Matta (1991) e Geertz (2008), que a etnografia é o momento em que o pesquisador estabelece relações de contato com o pesquisado, a partir da pesquisa de campo, acompanhando em suas atividades até que seja possível avançar no entendimento daquela realidade, ou encontrar uma pista nova, até então não descoberta. Dessa maneira, a etnografia, para Magnani (2009) não se reduz a busca infinita de detalhes em campo, mas na atenção para estes detalhes.

Dessa discussão emergem algumas considerações: a primeira é que se deve distinguir entre “prática etnográfica” de “experiência etnográfica”: enquanto a prática é programada, contínua, a experiência é descontínua, imprevista. No entanto, esta induz àquela, e uma depende da outra, propiciando, de certa forma, o que Lévi-Strauss (1976, p. 37), em *O pensamento selvagem*, denomina o “direito de seguir”. Segunda: podemos postular que a etnografia é o método próprio de trabalho da antropologia em sentido amplo, não restrito (como técnica) ou excludente (seja como determinada atitude, experiência, atividade de campo). Entendido como método em sentido amplo, engloba as estratégias de contato e inserção no campo, condições tanto para a prática continuada como para a experiência etnográfica e que levam à escrita final. Condição necessária para seu exercício pleno é a vinculação a escolhas teóricas, o que implica não poder ser destacada como conjunto de técnicas (observação participante, aplicação de entrevistas, etc.) empregadas independentemente de uma discussão conceitual. Terceira: o pressuposto da totalidade. Já apresentei e desenvolvi esse tópico em outro texto (MAGNANI, 2002), mas é conveniente retomar o argumento central na medida em que, de uma forma ou outra, a ideia de totalidade como condição da pesquisa antropológica acompanha a disciplina desde as etnografias clássicas e, não obstante as sucessivas releituras, revisitas, etc. como ascríticas de Marcus (1991) e também Clifford (1998) sobre comunidade realista, mantém-se, mesmo em etnografias especializadas (MAGNANI, 2009, p.136).

Sobre a totalidade na etnografia, expressa pelo autor, podemos entender, em síntese, que se “diz respeito à dupla face que apresenta: de um lado, a forma como é vivida pelos atores sociais e, de outro, como é percebida e descrita pelo investigador” (MAGNANI, 2009, p.137).

Também aponta que, dentro das comunidades estudadas, sejam elas grupos de imigrantes, terreiros de candomblé, torcidas organizadas, escolas de samba, entre

outros exemplos, a totalidade de características que as compõe não afirma uma ausência de conflitos. Pelo contrário, pela totalidade socialmente compartilhada pode-se visualizar concretamente quem pertence ou não daquele meio, a partir de categorias elencadas pelo estudo etnográfico.

Para compreendermos a etnografia como metodologia, Magnani (2009) elenca três conceitos experimentais ao praticar um estudo etnográfico. O primeiro conceito denomina-se experiência etnográfica, que pode ser entendida pela primeira impressão que o pesquisador adquire ao visitar o campo pela primeira vez. Nesta fase inicial o pesquisador ‘tateia’ as primeiras impressões, os detalhes em grande quantidade, até mesmo o estranhamento do pesquisador para o campo de pesquisados.

Já o próximo conceito, chama-se de experiência reveladora, onde a pesquisa encontra-se em andamento, onde os estranhamentos são superados pelo pesquisador, e o campo empírico começa a fornecer novos horizontes e novos desdobramentos de pesquisa. Por fim, a prática etnográfica, como terceiro conceito, se diferencia das demais abordagens pelo caráter organizacional que confere a pesquisa. A prática etnográfica é sequencial, planejada, delimitada por um cronograma.

Considerações finais

A partir desse breve passeio pelas abordagens etnográficas, podemos concluir alguns aspectos importantes para a utilização da etnografia. A primeira consideração é em relação a importância da experiência de campo, para a verificação do empírico a partir da observação pela ótica do pesquisador.

A introdução ao desconhecido, a coleta de dados, a percepção dos inúmeros detalhes como passo primeiro da investigação etnográfica é um esforço de reconhecer o desconhecido. Talvez, seja o maior desafio do (a) pesquisador (a) adentrar no universo das diferenças, em variadas localidades, sejam elas urbanas, rurais, exóticas ou tradicionais. É o esforço de se ‘autodesarmar’ das pré-convicções e buscar em campo as respostas para os questionamentos de pesquisa.

Nesse sentido ainda é válido apontar que, a decida de campo também auxilia na ‘abertura da visão de mundo’, por parte do (a) pesquisador (a). Ao deixar o espaço estritamente acadêmico para ingressar em diferentes realidades, o (a) pesquisador (a) se depara com diversas vivências, que contribuem não somente na formação crítica enquanto profissional, mas na formação humana do sujeito.

O segundo apontamento refere-se ao esforço posterior, de voltar campo pela segunda, terceira ou décima vez. É capacidade de organização do tempo de pesquisa, que muitas vezes, condicionados a prazos, acabam comprometidos e, as descidas de campo, cada vez mais escassas.

A coleta de impressões, narrativas, expressões próprias, como aponta Malinowski (1976) *apud* Lage (2009), são adquiridas a partir da inserção do pesquisador no meio social. O tempo acaba se tornando crucial para o desenvolvimento da pesquisa etnográfica. Ainda temos que levar em consideração que por vezes, sente-se a necessidade de voltar a campo para coletar mais impressões para solidificar a pesquisa, e com a escassez do tempo, esta possibilidade torna-se inexistente.

Pensando nisso, cabe aqui uma possível solução para este estágio da etnografia: organizar-se com a finalidade de encontrar subsídios que contribuam especificamente para o que se pretende pesquisar (o que Magnani (2009) chama de prática etnográfica, como visto anteriormente): Cronogramas, listagens de dados, diários de campo, enfim, uma visita a campo organizada para que a coleta seja realizada com maior precisão.

Neste ponto, vale-se das preciosas dicas de Mainardes (2009), em relação aos estágios da pesquisa, principalmente, no que se refere à organização das etapas e a clareza do (a) pesquisador (a) em relação ao objeto de estudo em questão.

O tempo, como um dos fatores cruciais no desenvolvimento da etnografia, enquanto metodologia de pesquisa, vale uma consideração específica. Levando em consideração os prazos, financiamentos e demais atividades dos programas de pós-graduação, é preciso analisar claramente se a utilização da etnografia é viável. Penso o curto prazo que muitos (as) pesquisadores (as) possuem para desenvolver a pesquisa de campo. Não é impossível, mas requer planejamento prévio e rigor no cumprimento dos prazos estipulados.

Outro ponto importante que devemos levar em consideração são as questões éticas inerentes ao estudo etnográfico. Como descreve Mainardes (2009), alguns fatores podem interferir no processo de pesquisa. Destacamos, primeiramente, que o (a) pesquisador (a) não deve utilizar de possíveis influências para obter acesso às informações, aos sujeitos e ao campo pesquisado.

Também se recomenda atentar para as condições que o sujeito de pesquisa se encontra: fatores de risco e vulnerabilidade social dos pesquisados podem acarretar problemas para a fonte, como a utilização de imagens de menores a partir da pesquisa, por exemplo.

Também há a possibilidade do grupo não entender o propósito de pesquisa (MAINARDES, 2009). Para isso é necessário explicitar o intuito da pesquisa para o grupo estudado, para que este possa compreender a seriedade e comprometimento científico da pesquisa.

Em relação a este apontamento, Mainardes (2009) apresenta a necessidade do cuidado com as fontes/sujeitos pesquisados, considerando as implicações e delicadezas inerentes ao se trabalhar com pessoas, não os (as) tratando como meros 'objetos'.

A etnografia pode ser utilizada por diversas áreas, a partir de diferentes temáticas e abordagens. Por isso, justifica-se a importância de (re)conhecer sua empregabilidade enquanto metodologia de pesquisa. Os dados obtidos por esta estratégia de pesquisa são tão singulares, em sua essência, que, quando mal utilizada, a etnografia acaba sendo superficial e dispersa.

Presume-se, por fim, que o (a) pesquisador (a) assuma todas as implicações éticas e políticas de pesquisa. Outras implicações podem acontecer a partir do envolvimento do (a) pesquisador (a) durante o trabalho de campo, alterando as situações observadas, tais como pré-conceitos acerca do tema abordado.

Questões religiosas, de gênero e políticas, por exemplo. Outro fator, de acordo com Mainardes (2009) é negligenciar o contexto amplo e focar apenas no micro, deixando a pesquisa sem contextualização histórico-social.

Referências Bibliográficas:

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

LAGE, Giselle Carino. **Revisitando o método etnográfico**: contribuições para a narrativa antropológica. *In*: Espaço Acadêmico, n. 97. 2009.

Disponível em

<<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewArticle/7104>>. Acesso em: 04 mar.2016.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Conceituando a antropologia**. *In*: Antropos. v. 3, n.2. 2009. p. 7-15. Disponível em:

<<http://revista.antropos.com.br/downloads/dez2009/Artigo%20%20-%20Conceituando%20a%20Antropologia%20-%20Ronaldo%20Lid%F3rio.pdf>>. Acesso em: 01 mai.2017.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Etnografia como prática e experiência**.

In: Horizontes Antropológico, n. 32. 2009. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a06.pdf>>. Acesso em: 04 mar.2016.

MAINARDES, Jefferson. **Pesquisa etnográfica**: elementos essenciais. *In*:

BOURGUIGNON, Jussara Ayres. Pesquisa Social: Reflexões teóricas e metodológicas. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009. p. 99-124.

TITIEV, Mischa. **Introdução a antropologia cultural**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1969.